



Ministério da Educação

ATA DE REUNIÃO

ATA DE REUNIÃO DA CÂMARA TÉCNICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

VIDEOCONFERÊNCIA

Dia: 3 de novembro de 2021.

Data: 14h às 16h.

Aos três dias do mês de novembro de dois mil e vinte e um, às quatorze horas, através de videoconferência, por meio do aplicativo virtual de reunião TEAMS, a Câmara de Educação Infantil se reuniu. Raquel apresentou os convidados: Beatriz pela FMCSV e Paulo da UNISINOS/RS convidado pela Beatriz. Consultora Geórgia contratada pela SEB. Eduardo como representante da SEALF; Rosana como representante da SEMESP - Coordenadora-Geral; Patrícia como representante da Undime, Maria Regina também da Undime. Nossas reuniões são realizadas quinzenalmente. Normalmente começamos lendo a ata para fazer o alinhamento. Mas hoje encaminharei por e-mail para aprovação. A proposta das CT é de ser um lugar de reflexão sobre a etapa da EI na pandemia. Quais as boas práticas para compartilhar? Quais os principais problemas, desafios? Dentro desta proposta está previsto o convite a especialistas para que tragam suas reflexões relacionadas a EI e a pandemia. Vamos iniciar com a fala dos convidados Beatriz e Paulo. Próxima reunião dia 17 de novembro: Foi formalizado o convite para Beatriz Ferraz como especialista. Na mesma data formalizamos convite para o Instituto Alana que está desenvolvendo alguns estudos sobre tecnologia na EI. Estamos aguardando a resposta. Dia 13 de dezembro, encerramento das CT em todas etapas da EB. Ainda não se definiu se será um encerramento para cada etapa ou com todas juntas. Raquel esclareceu que os membros fixos da CT são um representante da EI/MEC; um representante da SEALF/MEC; um representante da Semesp/MEC e um representante da Undime, a Geórgia que está trabalhando como consultora da SEB e os outros são convidados especiais. Rosana - propõe incluir convidado da SEMESP dia 29 de novembro para se encaixar nas agendas. Raquel respondeu positivamente e aguardará a confirmação e dados dos convidados.

Apresentação da Beatriz

Boa tarde: sou Beatriz Abuchaim – gerente de relações institucionais e governamentais da FMCSV, psicóloga de formação, com mestrado e doutorado na área da educação e trabalho praticamente toda a vida com a EI. É um prazer está aqui e poder dividir algumas das iniciativas da FMCSV e alguns dados dessas iniciativas que podem nos ajudar a pensar em caminhos para a EI no Brasil. Não sabemos como serão os próximos meses. Estamos voltando a ter as escolas abertas. O que dá novas perspectivas para EI e para o país. Tenho alguns slides, imagino que terá uma sistematização e queremos ter acesso aos documentos finalizados deste encontro. Nosso desejo é que tenha recomendações para os gestores. Especialmente os municipais. Meus últimos slides são de recomendações para os gestores municipais. Apresentação dos slides: Apresentação de algumas iniciativas da FMCSV na pandemia. A Fundação atua com a primeira infância. São experiências recentes publicadas por uma ONG que trabalha com brincadeiras tradicionais em parceria com o Itaú Social. O Guia fez sucesso no ano passado. Trouxemos brincadeiras para a família. Nós aproveitamos o Nenê do Zap, que já existia no ano passado, para trazer informações pelo WhatsApp sobre a pandemia. Então fizemos duas publicações em papel distribuídas em larga escala: o Nenê do Zap que convida: “Vamos conversar sobre o Coronavírus?” O livrinho traz tanto informações para as crianças quanto para as famílias. Sobre mobilização das famílias, estas são as nossas duas iniciativas. Mas não se restringiram a publicação em papel, além do zap, tem o sítio eletrônico. Além disso trouxe alguns estudos. O primeiro foi o do Núcleo Ciência pela Primeira Infância sobre repercussões

da pandemia. Traz um apanhado de estudos do que estava sendo feito no exterior e uma análise relacionada ao contexto brasileiro. Estas publicações foram feitas a partir de estudos realizados no Brasil. Primeiríssima infância - interações na pandemia: estudo que ouviu mais de mil cuidadores em todo o Brasil. Trarei alguns dados dessa pesquisa que me chamaram atenção. E outro estudo lançado recentemente sobre o impacto da pandemia de Covid no aprendizado e bem estar das crianças. Parceria com a UFRJ. Mobilização dos profissionais de ponta em parceria com a Undime. Primeiro prêmio de boas práticas para professores de EI durante a pandemia. Vamos ter ainda uma publicação que vai sair até o final do ano com compilação das práticas que tiveram destaque. Premiação de 100 professores e seleção de algumas dessas práticas para publicação. Curso em parceria com a Undime, Movimento Bem Maior e Instituto Singularidade sobre a BNCC. Curso para formadores de professores em nível técnico, com elementos da pandemia trazendo desafios do trabalho híbrido, a distância e por último sobre o retorno às atividades presenciais. Ano passado apresentamos protocolos sanitários e reestruturação pedagógica da escola. Vimos que precisávamos rever o guia que foi feito no ano passado pois os protocolos sanitários mudaram e as propostas pedagógicas foram revistas após as pesquisas. Lançamos uma campanha com várias instituições chamada "Tá na hora da escola" para estimular que as crianças retornem presencialmente. Mas temos que ter um cuidado especial com as crianças, especialmente as crianças mais vulneráveis. Há uma página sobre os protocolos de segurança no retorno. Impactos da pandemia na aprendizagem das crianças. 1 Estudo realizado pelo Observatório da Infância e da Educação Infantil NEPE. UNEB – Universidade do Estado da Bahia 2020. Ouviram as crianças, o que e como elas estão entendendo: (João - Na TV só tem notícias do Coronavírus, estou cansado!), (Alice - Eu sinto saudade da minha escola, minha professora, meus amigos!), (Miguel - Sabe o que eu sinto mais falta? De pegar na mão de outra pessoa...). A escuta das crianças é muito importante, muitos pensam que a criança não entende, mas ela entende e interpreta a realidade a sua maneira. Elas sofreram muito, talvez mais do que os adultos. Essas falas revelam uma apropriação do que ocorre de fato e do quanto as crianças se ressentem de tudo o que está ocorrendo ainda hoje. Temos que ter sempre atenção a tudo o que as crianças estão manifestando e entendendo. Consequência do fechamento das escolas: alterações nas atividades rotineiras (crianças pequenas precisam da previsibilidade, elas se sentem seguras com ações rotineiras); insegurança alimentar (principalmente entre as crianças mais vulneráveis); diminuição nas notificações de abusos e violência doméstica (a escola tem um papel muito importante nas notificações); impacto no desenvolvimento socioemocional; aumento das desigualdades educacionais (que já costumam ser graves no Brasil, e aumentaram ainda mais); sobrecarga para a mãe no cuidado da criança; evasão escolar; redução drástica da atividade física; maior tempo em frente a telas, inclusive na televisão, especialmente nas famílias mais pobres. Primeiro estudo que demonstra as desigualdades sociais. Dados sobre as atividades das crianças em casa e sobre a pandemia setorizados pelas classes sociais. Outro estudo: os Impactos da Pandemia na Pré-Escola parceria com a UFRJ/LaPOpE. Foram ouvidos 1036 adultos de referência. Comparando a rotina das crianças antes e depois da pandemia. O estudo fez a divisão em classes sociais. Na classe D o impacto foi maior, pois as crianças brincavam mais sozinhas que as outras classes sociais. Outros estudos lançados recentemente, que levantaram os impactos da pandemia na EI. Os estudos procuraram estimar os efeitos do fechamento das escolas e da quarentena no bem-estar e desenvolvimento das crianças; além de compreender as estratégias adotadas pela rede e escolas para apoiar as crianças e as famílias durante o fechamento das escolas. Ainda são dados preliminares, mas como o estudo já vinha ocorrendo em 2019, havia uma base de dados natural, pode ser feito um estudo comparativo. Foram ouvidos 531 adultos de referência e qual era a rotina das crianças antes e depois. As crianças estavam dormindo menos, se exercitando menos, sem atividades ao ar livre e com um aumento muito significativo de tempo de tela. Verificou-se que os pais de nível socioeconômico mais baixo têm menos tempo e menos recursos para atender suas crianças. A escola também chegou menos a essas crianças de nível socioeconômico mais baixo. Dados relacionados aos Impactos na aprendizagem. Em 2020 analisaram 676 e em 2019, 671 crianças com relação a aprendizagem em linguagem e em matemática. A diferença de aprendizagem se acentua com relação ao nível socioeconômico e entre os anos 2019 e 2020. São crianças do mesmo município com muita disparidade. Desafio da Pandemia para as escolas de educação infantil. 1. Desafio das atividades remotas: acesso e manutenção do vínculo com todas as crianças e família; acesso e domínio de novas tecnologias e modos de trabalhar; trabalho, experiências e atividades alinhadas à BNCC; garantia do engajamento e protagonismo das crianças nas propostas; Um dos desafios mais importantes na EI é a contextualização das atividades. 2. Desafios das atividades presenciais com recomendações aos gestores.

Desafios: Implementação dos protocolos de saúde de acordo com o estágio da pandemia localmente; impacto na saúde mental dos profissionais; acolhimento às famílias e às crianças; crianças em diversos momentos de desenvolvimento e aprendizagem; crianças que não retornaram. Recomendações: Construção coletiva dos protocolos e apropriação pela comunidade escolas; programa de acompanhamento aos profissionais que apresentarem dificuldades; reforço de estratégias de escuta e envolvimento da comunidade; avaliação e acompanhamento individual, pois as disparidades serão maiores; busca ativa escolar. A educação Infantil que a FMCSV defende: EI gratuita e para todos, gerenciada pelo poder público municipal; atendimento para todas as crianças e 4 e 5 anos; atendimento para a demanda de 0 a 3 anos, privilegiando as mais vulneráveis; (expansão do FUNDEB) financiamento que garanta expansão com adequação de recursos humanos e materiais; inclusiva, diversa e democrática. Intencionalidade pedagógica, seguindo as DNCEI e a BNCC; prática pedagógica sem escolarização precoce, focada no brincar e na interação; criança no centro do processo pedagógico; profissionais formados para as especificidades do EI; monitoramento e avaliação da qualidade que respeitem as especificidades elencadas acima. Ao final desta ATA estão elencados os endereços eletrônicos das referências citadas para avaliação da CT. Paulo - UNISINOS: parte do que eu iria falar já foi dito pela Beatriz. Colaboro com a FMCSV. Sou professor da Unisinos em São Leopoldo. Recentemente entrei no programa de pós-graduação. Fui professor do curso de pedagogia por muito tempo. Criei o Observatório da Cultura Infantil (OBCI) que envolve 6 escolas, 3 públicas e 3 privadas. Tem servido para construir insumos e reflexões em torno da prática pedagógica e da prática curricular na EI. Na pandemia serviu para pensar em estratégias muito concretas do como intervir. Seis ou sete práticas da OBCI foram premiadas em um prêmio que a Beatriz se referiu a respeito das cem práticas. Ações bastante concretas para compreender as práticas inovadoras de qualidade. Participei na construção da BNCC, na formulação do documento. Campos de experiências e de direitos de aprendizagem que foram homologados. Agora trabalho com o retorno à EI. Desde ouvir experiências múltiplas de: promotores públicos; tribunal de contas sobre financiamento da educação; profissionais de saúde; pessoas do próprio campo educativo que trouxeram problematizações. Lives que formularam protocolos em municípios. A partir das lives, alguns municípios começaram a conseguir pensar no assunto. Participei de centenas de discussões sobre o assunto. Em quatro ou cinco momentos da EI na pandemia. Fiz levantamentos em municípios. Consegui mais de 2.000 respostas. Enviei questionários com perguntas tais como: Houve investimentos em infraestrutura? Formação ou orientações aos professores? Havia consciência sobre o investimento? juntando o fato de ser supervisor de estágios na universidade, reuni algumas ideias para trazer para este diálogo com vocês: 1º a impossibilidade da EI ocorrer de outra forma que não a presencial; 2º Capilaridade das escolas de EI no país; 3º Relação com o público que nenhum outro segmento tem; 4º conhecimento da situação do público. Quando se interrompe esta relação, desdobramentos impactam a vida e na segurança das crianças e da família. E como consequência, interrompe-se também os ciclos de aprendizagem dentro da EI. A lembrança de que a EI só se desenvolve presencialmente ficou muito clara na demora do retorno das instituições da EI, sobretudo as escolas públicas, que tratam com o público mais vulnerável, mais dependente da educação escolar. As escolas fechadas mudaram a situação de vida das famílias, atendimento via WhatsApp. Essas pessoas foram e ainda estão em atendimento precário. Em muitos municípios as crianças estavam sendo atendidas *on-line*, mas com o acompanhamento de um cuidador inexperiente. Desdobramentos negativos na educação... precisamos de investimentos para que as escolas voltem a atender de forma mais estruturada, integral e mais urgentemente possível. Algumas escolas ainda estão se valendo das orientações de março do ano passado, com crianças sentadas o tempo todo. Tem municípios que estão atendendo presencial, mas de forma não funcional. Segmentando em grupos de crianças menores, de três em três dias e as famílias e crianças acabam abandonando a escola. Mas essas crianças existem e estão em algum lugar. Temos que nos comprometer com a vida, o desenvolvimento e bem-estar dessas crianças. Isso implica em incidência de recursos para as escolas e qualificação dos espaços do atendimento nas escolas. Pedagogia delivery: primeiro o silenciamento, acharam que seria algo passageiro. Em seguida, as escolas começaram a criar atendimentos não presenciais por conta própria. Os conselhos municipais, estaduais e federais estavam perdidos em termo de orientações para a EI, que não se organiza em torno de aulas, mas de atividades. Tivemos que explicar para os conselhos, criando normativas para melhorar o atendimento. Os municípios entenderam que precisavam enviar atividades, o que significou um retrocesso pedagógico e curricular de no mínimo 30 anos sobre o que vem sendo construído, as atuais orientações são muito boas. São alinhadas com o que ocorre nacional e internacionalmente sobre o que significa educar crianças nos seis primeiros anos de

vida e que são contrárias à entrega de atividades e preenchimentos de linhas e de cartilhas, como o que aconteceu, em busca de alternativa pelas escolas, para dar uma impressão de que estavam trabalhando, apesar da pandemia. Junto com isso, o PNLD para a EI acentuou a pedagogia delivery contrária à nossa legislação. Houve desrespeito ao que vem sendo feito nos últimos 20 anos, consoante a LDB, as Diretrizes e a BNCC. Esta construção sublinhou que aquilo que vinha sendo superado era sim uma prática válida e que poderia ser continuada. Inclusive consubstanciada em livros didáticos de preparação para alfabetização, o que é péssimo com relação a tudo que foi construído para a EI. Este é o ponto principal desta CT. Temos evidências científicas no campo da cognição e da neurociência, temos também evidências científicas no campo da pedagogia e da psicologia social que mostram o que vale a pena para a EI em termos de alfabetização, temos ainda uma legislação que orienta o melhor caminho. Os municípios estão muito atrapalhados com as orientações sanitárias. Que bom que o FMCSV publicou essas orientações. Os municípios pararam no ano passado. O que induziu a uma prática muito equivocada de EI. Esta estava avançando com qualificação de suas práticas, com discussões sobre como educar e cuidar do bebê dentro da formação inicial e da formação continuada. A criação de redes. As discussões sobre a EI não estarem misturadas com o EF e EM, mas com pauta específica. O cenário da pandemia deu alguns passos para trás. Qualquer situação que deixe a criança sentada por horas preenchendo qualquer tipo de coisa é negativa para a criança, acaba com o desenvolvimento do pensamento criativo, de criação de significados. Essa confusão de uma formação ainda frágil dos professores de EI, em uma pandemia fez com que as pessoas se atrapalhassem, mas ao mesmo tempo fez ver como se faz o trabalho da EI, provisoriamente. Verificou-se a impossibilidade de se fazer remotamente a EI, pois as crianças ficaram sentadas em uma carteira por horas... O que pode ser feito em colaboração entre municípios e governo federal? Os municípios estão precisando de apoio para a continuidade de um trabalho que respeite as condicionalidades da criança. Esse período da pandemia, deixou claro as especificidades da EI e a importância da interação com pessoas presencialmente na EI. É diferente, o olho no olho, para a criança é um constituinte de sua personalidade. Sem nenhum protocolo de retorno... como as crianças vão manter o distanciamento social? As crianças maiores vão usar máscaras, as menores não? O professor precisa pegar a criança no colo e ele vai ter todo um aparato para se proteger, mas precisa pegar no colo mesmo? Não existe brincadeira sem interação e não existe EI sem interação. Ficou muito claro. Tudo o que foi feito pelas escolas tem um valor muito grande, inclusive a aproximação com as famílias, mas não se caracteriza em uma pedagogia típica de EI nem em uma defendida por nós. Quero apenas reforçar nossa preocupação. Fizemos uma revisão dos protocolos, ficou bom, vocês devem ler. Abriu a escola, não pode ter revezamento, a criança vai segunda, quarta e sexta, isso não resolve o problema da família... e aí a família tem que resolver com ajuda de outros e as crianças ficam um dia em cada lugar... casa da avó, da tia, da cuidadora da esquina... a criança precisa de vínculo emocional, precisa estar em um ambiente estável, precisa saber quem é o professor, precisa do vínculo. Depois da vacinação não tem mais porque as escolas estarem nesta situação. Paulo foi corajoso ao dizer que as escolas deveriam estar abertas pelo menos para os que precisam muito. Em Porto Alegre, p.ex. ficaram abertas e foram frequentadas por 20 ou 30% das crianças. Ótimo! Esses 20% precisam ser bem atendidos, porque não tem onde ficar, se ficarem em casa a situação é de muito risco, sem falar na situação nutricional que é muito importante no Brasil. A gente chega 7h da manhã e as crianças estão comendo. Não comeram nada em casa antes de sair nem comeram mais desde as 17h do dia anterior quando fez a última refeição na escola. A gente espera que a pandemia acabe, mas não podemos repetir os mesmos erros. Essa CT é muito bem vinda e precisa do apoio não apenas das recomendações, mas do apoio financeiro, talvez através de algum programa que leve apoio financeiro aos municípios.

Maria Regina agradeceu o convite para participar das CT e disse que quando o recebeu perguntou-se qual seria o objetivo? Sugeri ouvir as pessoas que estivessem discutindo o assunto. Raquel disse que essa era a proposta. Agradeceu a Beatriz, o que ela pontuou, pois é o que a Undime enxerga, vivencia. Falou da reunião feita no MEC para discutir o Fundeb e os avanços conseguidos. Ressaltou que a Undime está sempre fazendo a defesa da primeira infância, que não se precisa criar leis no Brasil, pois já existe uma legislação: LDB, Diretrizes, BNCC... que precisa ser posta em prática quando tiver uma EI consolidada. Disse ser o momento não de criar nada novo, mas consolidar o que já temos e dar assessoria aos municípios e estados. Deixou evidente a preocupação grande com relação ao retrocesso de atividades já ultrapassadas. Fechou sua colocação dizendo que a Undime está à disposição da CT dentro do que defendem e acreditam. O Eduardo elogiou a apresentação da Beatriz e disse que na Sealf,

trabalham com a difusão das práticas da literacia familiar, considerando que entre vários fatores, a linguagem é um dos componentes de perpetuação da condição social. Ao conseguirmos explorar o desenvolvimento linguístico da criança, principalmente na primeira infância, em um sentido amplo, levando-se em consideração a esfera da oralidade, oferecemos condições de partida mais equitativa para essas crianças. Colocou as diferenças de vocabulário entre crianças ricas e pobres, através estudos, hoje, clássicos. Considerando que o vocabulário é um forte indicador de desempenho escolar para o futuro. Ele também ressaltou a importância da parceria das famílias com a escola e a existência de uma série de habilidades facilitadoras da alfabetização, que devem ser trabalhadas seja no ambiente familiar, seja na pré-escola de forma lúdica. Informou que o Conta para Mim pretende trabalhar a numeracia no ano que vem e que é interessante ver como é possível trabalhar com manipulativos, com uma série de atividades que não são preencher fichas... que na Sealf não veem problemas em exercícios de traçados, que trabalhem a atividade motora com traçados, mas que não fique só nisso. Não temos que ter medo de explorar de forma mais intencional certos objetivos de aprendizagem, pois a Base dá margem para isso. Paulo discordou de Eduardo dizendo que trabalha o tempo inteiro com escolas, além de trabalhar com pesquisa. Que uma política induz a uma prática. Os atuais livros do PNLD infantil induzem a práticas bastante equivocadas com relação ao que viemos construindo de prática pedagógica na EI. E isso não representa ser contrário ao direito ao acesso ao livro literário, não ficcionais, acesso a materiais amplos e variados pedagógicos. Sabendo dos investimentos que significam um PNLD, inclusive de uma linha editorial dentro das editoras, sim, uma discussão como essa impacta muito e impacta mais quando estamos no meio de uma pandemia e vendo o movimento que as redes sociais fizeram para oferecer o atendimento a EI. O campo da EI refuta este investimento, e campo da EI significa campo de conhecimento construído aqui no Brasil com pessoas que elaboraram documentos públicos, que trouxeram uma série de conhecimentos. A Base é aberta para que os municípios possam acolher a sua identidade, mas não é aberta para introduzir uma prática e uma preparação para o EF porque desde a LDB este não é o papel da EI. Beatriz contextualizou dizendo que a pré-escola da década de 70 tinha um modelo preparatório para entrar no 1º grau, como se dizia na época. Realmente tinha um perfil preparatório. As Diretrizes, que são mandatárias, todas as escolas devem atendê-las, dão um salto no sentido de contextualizar as atividades. relatou ter trabalhado muito com avaliação da qualidade da EI e que nas salas onde havia livro didático era muito triste, as crianças ficavam quatro horas preenchendo coisas que não faziam sentido para elas. As professoras tinham que ter um repertório incrível para fazer aquele assunto tornar-se muito interessante para as crianças. Disse que o livro didático limita a ação da criança e a atuação do professor e acaba sendo o centro da prática pedagógica. E o desafio do Conta pra Mim, é fazer chegar às famílias mais vulneráveis. Tem muita coisa do Conta pra mim que não chega, as pessoas não entendem o que está lá. O que está chegando para as crianças em termos de qualidade de livro literário? Finalizou sua fala se colocando a Sealf à disposição. Rosana advertiu que ainda havia a apresentação da Geórgia, mas não havia mais tempo hábil, então seria remarcada para o dia 17. Geórgia disse que não iria acrescentar muita coisa, iria fazer uma explanação de dados e informações já que 50% dos municípios brasileiros são dependentes e mais de 90% do seu orçamento vêm da União ou dos Estados. Ela queria saber, se já existe algum estudo ou alguma pesquisa que direcione possíveis implementações de infraestrutura em escolas? Como seria a EI pós pandemia, a escola ideal, o que o município tem que melhorar na escola? Além de questões sanitárias e de telecomunicações qual a carência principal? Paulo respondeu que há um estudo preliminar que é anterior à pandemia que dará um panorama da realidade das escolas de EI. Foi feito pela Professora Maria da Graça Souza Horn, sobre a implantação do proinfância e ela sistematizou estes estudos que referem-se à área externa e interna da EI. Nesse estudo, muitas escolas funcionam em prédios adaptados e têm muitas condições adversas. Em pesquisa feita com formulários em mais de duas mil escolas, foi perguntado quais as maiores dificuldades, muitas escolas informaram que era abrir as janelas ou desbloquear janelas bloqueadas. Paulo concluiu dizendo que em época de pandemia não poderia haver espaços assim, banheiros sem torneira funcionando, um banheiro apenas para muitas crianças, duas pias para muitas crianças, e ausência de espaços externos. Muitas coisas da infraestrutura podem ser encontradas nos estudos da professora Maria da Graça Souza Horn. Reforçou com relação aos dados de financiamento, no sentido de que muitos municípios dependem de Estados e da União, não têm recursos para investir na EI, o professor Juca Gil da UFRS estuda esta questão. Informou ter ainda estudos conduzidos sobre a avaliação da oferta da EI com muita sistematização em torno deste tema no cenário da educação infantil brasileira. Continuou com os esclarecimentos dizendo que em 2016 houve mais um impacto que foi a

obrigatoriedade de matrícula da pré-escola, muitas pré-escolas migraram para escolas de EF e o zero a três ficaram em escolas de EI. Então foi encontrado outro tipo de problema: inadequação de mobiliário, banheiro, torneira, vaso sanitário para atendimento da pré-escola porque estavam preparados para EF. Uma sala que funciona pela manhã para um adolescente e a tarde para pré-escola, outro tipo de problemática. Parte disso foi sistematizado em um dossiê publicado pela revista Textura da UBRA sobre a Emenda Constitucional 59. Rosana comunica que vai deixar sua contribuição para a próxima reunião, que tem grandes expectativas nesta câmara técnica e seguramente as próximas agendas serão ainda mais enriquecedoras. Se colocou à disposição e disse que a Semesp é uma secretaria que tem áreas especializadas, representadas por três diretorias, a área da surdez, a área da educação especial e dos quilombolas e indígenas, que é uma secretaria muito especial mesmo. Não havendo mais o que ser discutido e encaminhado, a Coordenadora da Câmara finalizou o encontro às dezesseis horas.

REFERÊNCIAS DA APRESENTAÇÃO DA BEATRIZ – FMCSV

- FMCSV: <https://www.fmcsv.org.br/pt-BR/>

<https://www.fmcsv.org.br/pt-BR/coronavirus/>

<https://www.fmcsv.org.br/pt-BR/a-primeira-infancia/>

- **NENÊ DO ZAP:** <https://nenedozap.com.br> <https://www.instagram.com/nenedozap/?hl=pt>
- **TÁ NA HORA DA ESCOLA:** <https://tanahoradaescola.com.br/>
- **Retorno às atividades na EI:** <https://primeirainfanciaprimeiro.fmcsv.org.br/guias/volta-aulas-planejamento-seguranca-pandemia/>
- **Brincadeiras com crianças de 0 a 6 anos:** <https://www.fmcsv.org.br/pt-BR/guia-atividades-familias-criancas-0-6-anos/>
- **Publicação do Núcleo Ciência pela Infância sobre Repercussões da Pandemia sobre o desenvolvimento infantil:** <https://ncpi.org.bre/publicacoes/wp-pandemia/>

Glossário:

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais

EB – Educação Básica

EE – Educação Especial

EF – Ensino Fundamental

EI – Educação Infantil

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EM – Ensino Médio

FMCSV – Fundação Maria Cecília Souto Vidigal

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira

MEC – Ministério da Educação

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

SEALF – Secretaria de Alfabetização

SEMESP- Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação

UNDIME – União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Referência: Processo nº 23000.026810/2021-24

SEI nº 3088332